

REGRESSO ÀS AULAS

Aulas por semestre: menor pressão e valorização da avaliação formativa

As escolas do concelho de Leiria, com uma excepção, vão aderir este ano lectivo à organização por semestres. Os estabelecimentos de ensino que já aderiram só vêem vantagens



Elisabete Cruz
elisabete.cruz@jomaldeleiria.pt

O ano lectivo 2024/2025 arranca esta quinta-feira, nas escolas do concelho de Leiria, com uma grande novidade: um calendário escolar dividido por semestres. Deixa assim de haver os três períodos habituais, passando a verificar-se apenas dois momentos de avaliação final. Só o Colégio Nossa Senhora de Fátima rejeitou, para já, avançar para este modelo.

No País e na região há já alguns agrupamentos que aderiram à organização por semestre e defendem a sua aplicação, ao considerar que as vantagens são muitas, como é o caso do Agrupamento de Escolas de Ourém e o Colégio Dr. Luís Pereira da Costa, em Leiria.

Joana Viana, professora auxiliar no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, foi uma das investigadoras do *Estudo de avaliação da reorganização do calendário escolar*, coordenado por Estela Costa, que concluiu que “esta medida pode

criar condições mais favoráveis à mudança, à inovação e à melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem”.

No entanto, Joana Viana realça que a semestralidade “não é condição indispensável para a mudança nem para a inovação, por si só”, pode é contribuir para “criar condições mais favoráveis a outras mudanças na escola”.

Segundo a investigadora este modelo pode produzir alterações “ao nível do trabalho pedagógico que os professores possam fazer em equipas e na flexibilização do tempo, até associado a uma organização dos alunos em diferentes grupos, consoante os seus níveis de aprendizagem”.

“Da investigação que temos feito sobre a organização em semestres, os argumentos principais elencados são que as metodologias de ensino e a avaliação são mais simples. Vai haver mais tempo para uma avaliação formativa, para a diversificação da avaliação das aprendizagens realizadas pelos alunos, uma maior

flexibilidade também da gestão curricular e uma distribuição mais equilibrada do tempo de trabalho e de descanso por parte de professores e alunos”, informa Joana Viana, destacando a menor pressão sobre os alunos.

É esta também a opinião de Rui Miranda director do Colégio Dr. Luís Pereira da Costa, há três anos a funcionar com semestralidade, que aponta a inexistência de picos para a realização de testes. “Continuam a haver provas escritas, mas há mais questões nas aulas, há maior preocupação com a avaliação oral e mais valorização dos trabalhos. A avaliação suportada em domínios aliada à gestão do calendário permite que haja mais pausas e diluir a avaliação dos alunos no tempo, que deixam de ter o pico de stress para os testes”, afiança.

As pausas intercalares são também uma vantagem para os alunos descansarem e “não atingirem o ponto de saturação”, admite Rui Miranda. Além disso, as interrupções a meio do semestre permitem um

momento de reflexão para avaliar o aluno e ajustar as medidas necessários se for o caso.

Joana Viana reforça que do estudo realizado em 55 agrupamentos de escolas que assumiram a semestralidade, as paragens de seis em seis ou de oito em oito semanas beneficiam alunos e professores. Além do bem-estar, é “fundamental que os professores possam ter uma pausa para discutir em reuniões intercalares o trabalho que está a ser feito face às metas que se pretendem alcançar”. “Isso é benéfico, porque permite ajustar a planificação do trabalho que vai ser feito nas semanas seguintes com os alunos. Para os estudantes, o que tem revelado é que essas pausas contribuem para a melhoria da qualidade da aprendizagem.”

A investigadora confessa que não é possível aferir se a recuperação das aprendizagens melhora, porque cada escola escolhe diferentes medidas além da simples organização por semestre. Mas, acredita que “se forem adoptadas medidas a vários

níveis e um trabalho diferenciado e mais integrado na gestão do currículo e na diversificação das formas de avaliação, com mais *feedback*, naturalmente, consegue-se uma melhor recuperação das aprendizagens”.

“Se, enquanto professora, não estiver pressionada que daqui a um mês terei de ter uma avaliação sumativa e dar uma classificação, posso dedicar mais tempo a dar algum *feedback* aos alunos para que possam melhorar e perceber quais são os principais problemas que os meus alunos estão a sentir, para poder agir em conformidade e contribuir para a melhoria e recuperação das suas aprendizagens.”

A directora do Agrupamento de Escolas de Ourém, Sandra Pimentel, acrescenta que a semestralidade “possibilitou uma organização mais equilibrada do ano lectivo e o espaçamento, no tempo, dos diversos instrumentos de avaliação sumativa, permitindo colocar maior ênfase no processo formativo (é necessário tempo para que a avaliação formativa surta o efeito de melhoria das

RICARDO GRAÇA

Leiria Estreia na semestralidade

Assumindo as competências totais com a Educação (à excepção da contratação de professores), a Câmara de Leiria reuniu com todos os directores de escola do concelho para propor uma organização por semestre, do 1.º ciclo ao secundário. “O que subjaz a esta forma de organização é a possibilidade de adopção de medidas pedagógicas, de trabalho colaborativo, de investigação e articulação, de elevação e valorização do processo de avaliação formativa”, entende Anabela Graça. A vereadora aponta mais-valias ao nível pedagógico, nomeadamente na “qualidade das aprendizagens, relação escola-família e saúde e bem-estar”. “Há um reforço da avaliação contínua para o processo de aprendizagem, assumindo um carácter eminentemente formativo e mais sistemático, melhoria da gestão do tempo e promoção do trabalho colaborativo e maior equilíbrio na gestão do tempo *versus* momentos de avaliação”, adianta a autarca, ao destacar ainda um “aumento da concentração dos alunos, uma vez que o trabalho será mais contínuo e coerente ao longo do semestre” e diminui “o *stress* associado à avaliação quantitativa, para os alunos”.

aprendizagens)”.


Considerando ainda que se implementou uma avaliação pedagógica mais diversificada, notou-se uma consistência do ensino-aprendizagem e na diminuição dos momentos classificatórios. “Julga-se ter contribuído para a diminuição da ansiedade da comunidade escolar, permitindo um maior espaçamento entre os momentos formais de avaliação e com isto uma preparação mais consolidada e orientada, com mais momentos de balanço e de *feedback* de qualidade sobre o trabalho que vai sendo desenvolvido”, referiu Sandra Pimentel.

No Agrupamento de Escolas de Ourém algumas disciplinas funcionaram com carácter semestral no ensino básico e no secundário, como foi o caso das disciplinas Biologia e Geologia e Física e Química A, “o que se revelou vantajoso para os alunos”.

Joana Viana constata que esta gestão flexível do currículo, diminuindo o número de disciplinas em simultâneo ou o cruzamento

de conteúdos “contribui para que a aprendizagem dos alunos não seja tão distribuída por diferentes focos”, “promovendo o desenvolvimento de competências transversais”. “Tudo isso, permite a melhoria da aprendizagem e das classificações finais dos alunos.”

Para Sandra Pimental, “com a implementação da semestralidade, desapareceu a problemática que sempre se colocou relativamente à atribuição de uma classificação intermédia, no final do 2.º período, permitindo também uma divisão mais equitativa do tempo lectivo”.

Além disso, atribui “mais tempo para o desenvolvimento de projectos mais elaborados, aprofundados, mais abrangentes, envolvendo mais áreas curriculares e maior articulação, com maior impacto nas aprendizagens e no desenvolvimento de competências dos alunos”.

Rui Miranda reforça o reporte qualitativo e não quantitativo que os momentos intercalares permitem, ajustando as aprendizagens sempre que necessário.